

TALIA HIBBERT

ACORDA PRA  
**VIDA,**  
CHLOE  
BROWN

Tradução  
LÍGIA AZEVEDO

PA  
RA  
18  
18

*Este livro é para minha mãe,  
que fez o que foi preciso.*

## Nota da autora

Esta história envolve o processo de cura depois de um relacionamento abusivo. Se esse é um assunto delicado para você, é bom que saiba disso de antemão. Espero ter tratado a questão, os personagens e você, leitor(a), com todo o cuidado.

## Prólogo

Era uma vez uma mulher chamada Chloe Brown, e ela morreu.

Ou quase.

Aconteceu numa terça-feira à tarde, claro. Coisas perturbadoras pareciam sempre acontecer às terças-feiras. Chloe suspeitava que aquele dia da semana era amaldiçoado, mas até então só havia manifestado suas suspeitas em alguns fóruns de internet — e com Dani, a mais esquisita de suas irmãs mais novas e muito esquisitas. Dani havia dito a Chloe que ela estava maluca e que devia tentar pensar positivo para se livrar de toda aquela energia negativa em relação a um dia da semana.

De modo que, quando Chloe ouviu gritos e pneus cantando, olhou para a direita e deparou com um Range Rover branco e brilhante vindo direto na sua direção; a primeira coisa que lhe veio à cabeça, ainda que ridícula, foi: *Vou morrer numa terça-feira e Dani vai ter que admitir que eu estava certa o tempo todo.*

Mas, no fim, Chloe não morreu. Nem ficou terrivelmente machucada — o que foi um alívio, porque ela já passava tempo bastante em hospitais. O Range Rover passou voando por ela e bateu na lateral de um



café. A batida de frente da motorista embriagada contra uma parede de tijolos não foi uma batida de frente contra uma Chloe de carne e osso por menos de um metro. O metal amassou como papel. A senhora de meia-idade que estava ao volante foi de encontro ao airbag, que fez seu cabelo loiro, ondulado e na altura do queixo balançar. Curiosos se aglomeraram e houve gritos pedindo que chamassem uma ambulância.

Chloe só ficou olhando e olhando e olhando.

As pessoas passavam, o relógio avançava, e ela mal notava. Sua mente era inundada por dados irrelevantes, como se sua cabeça fosse a lixeira do computador. Chloe se perguntava quanto ia sair o conserto do café. Ela se perguntava se o seguro ia cobrir tudo, ou se a própria motorista teria que pagar. Ela se perguntava quem tinha cortado o cabelo da motorista, porque estava ótimo. Mantinha o estilo e a elegância mesmo enquanto era retirada do carro e posta em uma maca.

Até que um homem tocou o ombro de Chloe e perguntou: “Você está bem, jovem?”.

Ela se virou e viu um socorrista com um rosto simpático e cheio de rugas, usando um turbante preto. “Acho que estou em estado de choque”, Chloe disse. “Posso comer um chocolate? Da Green & Black’s. O com flor de sal é meu preferido, mas o que tem oitenta e cinco por cento de chocolate amargo deve ser melhor para a saúde.”

O socorrista riu, pôs um cobertor nos ombros dela e disse: “Serve um chá, sua majestade?”.

“Sim, por favor.” Chloe o seguiu na direção da traseira da ambulância. No caminho, ela se deu conta de que tremia tanto que ficava difícil andar. Com a habilidade desenvolvida por anos vivendo em um corpo altamente temperamental, ela cerrou os dentes e se forçou a avançar um pé depois do outro.

Quando finalmente chegaram à ambulância, Chloe se sentou com todo o cuidado, para não desmaiar. Se isso acontecesse, o socorrista começaria a fazer perguntas. Depois talvez decidisse dar uma olhada nela. Então Chloe teria que lhe contar todas as suas pequenas peculiaridades e explicar que não eram motivo de preocupação, e ambos perderiam o dia todo naquilo. Adotando um tom de voz firme que dizia “sou uma pessoa muito saudável e estou totalmente no controle”, Chloe perguntou, bruscamente: “Ela vai ficar bem?”.

“A motorista? Vai, sim. Não se preocupe com isso.”

Músculos que ela nem sabia que estavam tensos de repente relaxaram.

No fim, depois de duas xícaras de chá e algumas perguntas da polícia, Chloe pôde concluir sua caminhada da terça-feira à tarde. Ela não teve nenhuma outra experiência de proximidade com a morte, o que foi excelente, caso contrário provavelmente teria feito algo constrangedor, como chorar.

Chloe entrou em casa pela ala norte e seguiu com discrição até a cozinha, atrás de um lanchinho fortificante. O que encontrou, no entanto, foi sua avó Gigi, claramente esperando por ela. Gigi se virou, e seu robe violeta que ia até o chão a seguiu — aquele que Chloe havia lhe dado alguns meses antes, em seu quarto (ou seria quinto?) aniversário de setenta anos.

“Querida”, ela disse, com um arquejo, os tamancos de salto fino e baixo ressoando contra o piso. “Você parece tão... enfermiça.” Vindo de Gigi, que era ao mesmo tempo uma avó preocupada e uma lenda do ragtime dolorosamente bonita, era um comentário pesado. “Onde você estava? Faz séculos que saiu, e não atende o celular. Fiquei tão preocupada.”

“Ah, nossa, desculpa.” Fazia horas que Chloe havia saído para uma de suas caminhadas irregularmente programadas — *programadas* porque sua fisioterapeuta insistia que as fizesse, e *irregulares* porque seu corpo cronicamente doente com frequência vetava as coisas. Em geral, ela voltava em meia hora, então não era surpresa que Gigi tivesse entrado em pânico. “Você não ligou pros meus pais, né?”

“É claro que não. Imaginei que, se você tivesse passado por uma oscilação, ia logo se recuperar e pedir a alguém que chamasse um táxi para voltar para casa.”

Uma *oscilação* era o termo delicado que Gigi usava para quando o corpo de Chloe simplesmente desistia de viver. “Não tive uma oscilação. Estou me sentindo muito bem,



na verdade.” Neste momento, pelo menos. “Mas houve um... acidente de carro.”

Gigi ficou tensa, mas se sentou à ilha de mármore da cozinha com toda a graciosidade. “Você se machucou?”

“Não. Uma mulher bateu o carro na minha frente. Foi bem intenso. Fiquei tomando chá em um copinho de isopor.”

Gigi voltou para Chloe seus olhos felinos pelos quais os reles mortais costumavam se apaixonar. “Quer um alprazolam, querida?”

“Ah, melhor não. Não sei como reagiria com a minha medicação.”

“Claro, claro. Ah! Já sei. Vou ligar para o Jeremy e dizer que é uma emergência.” Jeremy era o terapeuta de Gigi. Ela não precisava de terapia no sentido estrito da palavra, mas gostava de Jeremy e acreditava em prevenção.

Chloe piscou. “Acho que não tem necessidade.”

“Discordo”, Gigi disse. “Terapia é sempre necessário.” Ela pegou o telefone, fez a ligação e flanou até o outro lado da cozinha. Seus tamancos batiam contra o piso de novo quando ela ronronou: “Jeremy, querido! Como você está? E Cassandra?”.

Eram barulhos perfeitamente comuns. No entanto, sem aviso, foram o gatilho de algo catastrófico na mente de Chloe.

O *clic-clic-clic* dos sapatos se juntou ao *tic-tic-tic* do enorme relógio na parede da cozinha. O som ficou impossivelmente alto, estranhamente caótico, até parecer

que um monte de pedras havia desmoronado na cabeça de Chloe. Ela fechou os olhos com força — mas o que eles tinham a ver com sua audição? Na escuridão que havia criado, uma lembrança surgiu: aquele cabelo curto, loiro e ondulado balançando. O modo como ainda parecia macio e brilhante contra o couro preto da maca.

*Embriagada*, o socorrista simpático havia dito, baixo. Era o que suspeitavam. A mulher havia se embebedado no meio da tarde, subido na calçada e batido contra uma parede. E Chloe...

Chloe estivera bem ali. Porque andava sempre no mesmo horário, para não interromper sua rotina de trabalho. Porque sempre fazia o mesmo trajeto, para ser mais eficiente. Chloe estivera *bem ali*.

Ela estava quente demais, suando. Tonta. Precisava se sentar agora, ou cairia e sua cabeça ia se quebrar como um ovo ao atingir o piso de mármore. Do nada, Chloe se lembrou de sua mãe dizendo: *Deveríamos trocar o piso. Os desmaios estão fora de controle. Ela vai se machucar*.

Mas Chloe insistira que não havia necessidade. Ela prometera ser cuidadosa, e certamente mantinha a promessa. Devagar, devagar, Chloe escorregou para o chão. Apoiou as mãos úmidas no piso gelado. Inspirou. Expirou. Inspirou.

Expirou, e seu sussurro saiu como vidro quebrando: “Se eu morresse hoje, o que meu obituário diria?”.

*Essa mulher incrivelmente entediante não tinha nenhum amigo, não viajava havia uma década apesar das inúmeras*

*oportunidades, gostava de escrever códigos de programação aos fins de semana e nunca fazia nada que não estivesse previsto na agenda. Não chore por ela, que está em um lugar melhor agora. O céu não pode ser tão chato assim.*

Era o que obituário dela diria. Talvez alguém especialmente cortante e desagradável, como Piers Morgan, o lesse no rádio.

“Chloe?”, Gigi a chamou. “Onde você...? Ah, aí está você. Tudo bem?”

Deitada no chão, tragando ar como um peixe à beira da morte, Chloe disse, animada: “Tudo, obrigada”.

“Hum”, Gigi murmurou, parecendo em dúvida, mas não preocupada demais. “Acho que vou pedir para Jeremy ligar depois. Jeremy, querido, será que pode...?” Sua voz foi diminuindo conforme ela se afastava.

Chloe descansou a bochecha quente contra o piso frio e tentou não acrescentar mais insultos a seu obituário imaginário. Se estivesse em um musical brega — do tipo que sua irmã mais nova, Eve, adorava —, aquele seria o momento em que ela chegava ao fundo do poço. Chloe estaria a poucas cenas, a uma música inspiradora sobre determinação e acreditar em si mesmo, de uma epifania. Talvez ela devesse seguir o exemplo daqueles musicais.

“Com licença, universo”, ela sussurrou para o piso da cozinha. “Quando você quase me matou hoje, o que foi meio pesado, aliás, mas até respeito isso, estava tentando me dizer alguma coisa?”

O universo, de maneira muito enigmática, não



respondeu.

Infelizmente, outra pessoa falou.

“*Chloe!*” A mãe dela quase gritara à porta. “O que está fazendo no chão?! Está doente? Garnet, sai do telefone e corre pra cá! Sua neta está mal!”

Ai, ai. Vendo que seu momento de comunhão com o universo tinha sido interrompido de forma rude, Chloe se ergueu para sentar. Estranhamente, já se sentia muito melhor. Talvez porque tivesse reconhecido e aceitado a mensagem do universo.

Estava claro que era hora de acordar pra vida.

“Não, não, minha querida, não se mova.” O rosto com uma ótima estrutura óssea de Joy Matalon-Brown estava marcado pelo pânico quando ela deu a ordem, nervosa e pálida, apesar da pele bronzeada. Era uma visão familiar. A mãe de Chloe administrava um escritório de advocacia de sucesso com a irmã gêmea Mary, levava a vida com quase tanta lógica e cuidado quanto Chloe e passara anos aprendendo os sintomas e mecanismos de enfrentamento da filha. Ainda assim, ia para o modo pânico total ao menor sinal de enfermidade ou desconforto. Sinceramente, era exaustivo.

“Não fique em cima de Chloe, Joy. Você sabe que ela não aguenta.”

“Então devo ignorar o fato de que ela está deitada no chão, como um cadáver?”

Ai.

Enquanto a mãe e a avó trocavam farpas acima de sua cabeça, Chloe decidiu que a primeira mudança que faria em sua vida, por ordem do universo, seria de casa.

A gigantesca propriedade de sua família de repente lhe parecia um tanto apertada.



*Dois meses depois*

“Ah, você é um encanto, Red.”

Redford Morgan tentou abrir um sorriso simpático, o que não era muito fácil, considerando que estava com o braço mergulhado até o cotovelo na privada de uma octogenária. “Só estou fazendo meu trabalho, sra. Conrad.”

“Você é o melhor zelador que já tivemos”, ela arrulhou da porta do banheiro, levando uma mão enrugada ao peito ossudo. Sua cabeleira branca tremia de emoção. Era um pouco dramática, a coitada.

“Obrigado”, ele disse, tranquilo. “A senhora é muito bondosa.” *Se parasse de jogar lixo na privada seríamos melhores amigos.* Era a terceira vez naquele mês que ele era chamado no apartamento 3E por causa de entupimento, e, sinceramente, Red estava ficando cansado das merdas da sra. Conrad. Ou melhor, dos netos dela.

A luva vermelha que envolvia a mão dele finalmente emergiu das profundezas da privada, agarrando uma bolota de papel-toalha ensopado. Ele desembulhou o pacote e descobriu... “É a sua caçarola de legumes?”

A sra. Conrad piscou para ele, parecendo uma coruja, então apertou os olhos. “Bom, não consigo dizer. Onde

estão meus óculos?” A mulher se virou como se fosse caçá-los.

“Não precisa.” Red suspirou. Sabia muito bem que era caçarola de legumes, como da vez anterior, e da vez anterior àquela. Enquanto jogava aquilo no lixo, ele disse, simpático: “A senhora precisa ter uma conversinha com aqueles meninos. Eles estão jogando o jantar na privada”.

“Como?”, a mulher arquejou, claramente afrontada. “Nãããã. Não, não, não. Felix e Joseph? Eles nunca fariam isso! Não são de desperdiçar, e adoram minha comida.”

“Aposto que sim”, Red disse, devagar. “Mas... bom, toda vez que venho aqui, descubro um pedaço de brócolis ou cogumelos entupindo seus canos.”

Houve um momento de silêncio, enquanto a sra. Conrad lutava contra aquela informação. “Ah”, ela sussurrou. Red jamais ouvira tanto abatimento em uma única palavra. Ela piscou depressa e seus lábios finos se contraíram. Ele sentiu um aperto no coração ao se dar conta de que a sra. Conrad estava tentando não chorar. Caralho. Red não sabia lidar com mulheres chorando. Se ela derramasse uma lágrima que fosse, ele passaria a noite inteira ali, comendo caçarola de legumes com todo o entusiasmo e se desfazendo em elogios.

*Por favor, não chora. Meu expediente acaba em dez minutos e odeio brócolis pra caralho. Por favor, não chora. Por favor...*

A sra. Conrad lhe deu as costas e um primeiro soluço de choro sacudiu seus ombros.

Red suspirou.

“Sra. C, não fique chateada.” Ele tirou as luvas e foi até a pia lavar as mãos, desconfortável. “São só crianças. Todo mundo sabe que elas têm o paladar de uma cabra.”

A sra. Conrad deixou uma risadinha efervescente escapar e voltou a virar para ele, já secando os olhos com um lenço de pano. Idosos sempre carregavam lenços de pano. Escondiam-nos no corpo como ninjas escondiam *shurikens*. “Você tem razão, claro. É só que... Bom, eu achava que era o prato preferido deles.” Ela fungou e balançou a cabeça. “Mas não importa.”

A julgar pela voz trêmula dela, importava muito.

“Aposto que estava uma delícia”, Red disse, porque tinha a porra da maior boca do planeta Terra.

“Jura?”

“Sei que estava. A senhora tem cara de quem cozinha bem.” Ele não fazia a menor ideia do que aquilo queria dizer, mas soava bem.

A sra. Conrad com certeza gostara, porque suas bochechas coraram e ela soltou um tilintar alto que talvez fosse outra risadinha. “Ah, Red... Estou fazendo outra agora mesmo, sabia?”

É claro que estava. “É mesmo?”

“É! Quer experimentar? O mínimo que posso fazer depois de todo o trabalho que teve é convidar você para jantar.”

*Diz que não. Diz que é sexta-feira à noite e você tem planos. Diz que comeu cinco bifês no almoço.* “Ótimo”, ele disse, e sorriu. “Só vou dar uma passada em casa para me limpar.”



Red levou meia hora para tomar um banho e se trocar em seu apartamento. Ficava no térreo, e vinha com o emprego. Como ele levava uma vida ousada, trocou o macacão cinza-escuro por — *rufem os tambores* — um macacão azul-marinho que tinha acabado de ser lavado. A verdade era que Red não tinha ideia do que deveria usar para jantar com uma senhorinha, mas sua jaqueta de couro e suas botas pretas costumeiras não pareciam apropriadas.

Foi só quando ele trancou a porta da frente que lhe ocorreu que aquela situação podia não ser apropriada. Podia jantar com moradores? Estava dentro das regras? Red não via problema nenhum naquilo, mas trabalhava como zelador fazia pouco tempo e não era exatamente qualificado. Só para garantir, ele pegou o celular e mandou uma mensagem para Vik, o proprietário — e o amigo que lhe havia conseguido aquele trabalho.

Posso jantar com a velhinha simpática do 3E?

A resposta de Vik veio na hora, como sempre.

O que te deixa feliz, cara. Não vou julgar.

Red soltou uma risada, revirando os olhos ao guardar o celular. Então, do nada, ouviu alguma coisa.

Ou melhor, ouviu a voz *dela*.

Chloe Brown.

“... vejo vocês no brunch, se der”, ela dizia. Sua voz soava cortante e dispendiosa, como se alguém tivesse

ensinado um diamante a falar. O som mexia com a cabeça dele, a fala clara o lembrando de pessoas e lugares que preferiria esquecer. De uma época diferente e de uma mulher diferente, que segurava uma colher de prata com uma mão de unhas esmaltadas e apertava o coração dele com a outra.

O timbre rouco de Chloe e as lembranças que despertava foram os únicos avisos que ele recebeu antes de entrar no corredor e dar de cara com ela. Ou melhor, de garganta. Ela estava bem ali, os dois trombaram e de alguma forma a cabeça dela dera com tudo na garganta dele.

O que doeu. Bastante.

O impacto também fez algo terrível com seu fluxo de ar. Red tentou inspirar, engasgou e esticou o braço na direção dela ao mesmo tempo. A última parte foi um reflexo: ele tinha trombado com alguém, então era seu dever tentar manter a pessoa de pé. Só que não se tratava de uma pessoa qualquer, claro. Era Chloe, cuja cintura parecia macia ao seu toque. Chloe, que cheirava a jardim depois de uma chuva de verão. Chloe, que o empurrava como se ele tivesse uma doença contagiosa e estralava: “Ah, meu... Mas o quê...? Sai!”.

Ela parecia toda delicada, mas seu tom de voz era cortante como uma faca. Red tentou soltá-la antes que tivesse um troço, mas suas mãos calejadas engancharam na lã em tom pastel do casaquinho dela. Chloe recuou como se Red pudesse atacá-la a qualquer momento, e

ficou olhando para ele com uma desconfiança cruel. Ela sempre o olhava daquele jeito — como se Red estivesse a trinta segundos de matá-la. Chloe o tratava como um animal selvagem desde que os dois se conheceram, quando ele lhe mostrara o apartamento que jamais imaginara que ela alugaria.

Chloe se mudara uma semana depois, e desde então perturbava a paz dele com seu comportamento de rainha do gelo.

“Eu... eu não tenho ideia de como isso aconteceu”, ela disse, como se Red tivesse orquestrado aquilo tudo só para ter a chance de tocá-la.

Cerrando os dentes, ele tentou assegurar-lhe que não se tratava de um assalto ou uma tentativa de sequestro fracassada — que, apesar de suas tatuagens, seu modo de falar e todas as outras coisas que faziam mulheres de classe alta como ela julgar caras como ele, não era um criminoso perigoso. Mas tudo o que saiu de sua boca foi um chiado inútil, de modo que ele desistiu e procurou focar na respiração. A dor na garganta passou de um amarelo venenoso a uma leve pontada cor de limão-siciliano.

Red nem notou a presença das irmãs dela até que começassem a falar.

“Ah, Chloe”, disse a mais baixa, Eve. “Olha o que você fez! O coitado vai tossir o coração.”

A outra irmã — a que chamavam de Dani — revirou os olhos e disse: “Você não quer dizer *pulmão?*”.



“Não. A gente não deveria fazer alguma coisa? Vai, Dani, faz alguma coisa.”

“O que posso fazer? Pareço uma enfermeira, por acaso?”

“Bom, não podemos deixar o cara morrer engasgado”, Eve disse, sensata. “Seria um desperdício de um belo...”

A voz de Chloe cortou a discussão como uma lâmina. “Quietas, as duas. Vocês não estavam indo embora?”

“Não podemos ir *agora*. Nosso zelador preferido está no meio de uma crise.”

Embora Chloe tivesse detestado Red no instante em que o conheceu, suas irmãs, Dani e Eve, pareciam amá-lo. Elas tinham o mesmo tom de voz capaz de cortar vidro, mas nada do aparente classismo de Chloe. Ele pensava em Dani como a irmã estilosa, com a cabeça raspada e suas roupas pretas e soltas. Seu sorriso era tão bonito que deveria ser proibido, e ela o estampava no rosto sempre que o caminho dos dois se cruzava. Eve era a irmã divertida e a mais nova, com tranças em tons pastel e um ar de energia frenética crepitando ao seu redor, como raios. Ela gostava de dar em cima de Red. Também gostava de usar roupas de bolinhas e sapatos estampados que ofendiam a sensibilidade artística dele.

Se qualquer uma *delas* tivesse alugado o apartamento 1D cinco semanas antes, tudo teria ficado bem. Mas não — tinha que ser Chloe. Tinha que ser a irmã que fazia com que ele se sentisse um monstro assustador e grosseirão. Tinha que ser a princesinha tensa que havia decidido que ele era perigoso só por causa do lugar de onde vinha. Por

que ela morava ali, em um prédio residencial claramente de classe média, era um mistério. Não havia dúvida de que sua família tinha grana. Depois de Pippa, ele identificava o brilho de uma mulher rica a quilômetros de distância.

Mas ele não queria pensar em Pippa. Nunca nada de bom vinha dali.

“Estou bem”, ele conseguiu dizer, piscando os olhos úmidos.

“Viu?”, Chloe disse, na mesma hora. “Ele está bem. Vamos embora.”

Cara, como ela o irritava. A mulher tinha interrompido a porra do fluxo de oxigênio dele e não mostrava o mínimo de cortesia. Era inacreditável. “Vejo que continua um doce de pessoa”, Red resmungou. “É esse comportamento que eles ensinam na escola de etiqueta?”

Red se arrependeu assim que as palavras saíram de sua boca. Ela era uma inquilina. Ele era o zelador, graças a Deus e ao seu melhor amigo. Precisava ser educado com ela, independente de qualquer outra coisa. Mas, semanas antes, havia descoberto que sua natureza bondosa, seus filtros e seu bom senso desapareciam diante de Chloe Brown. Sinceramente, Red ficava chocado que ela ainda não tivesse reclamado dele.

Na verdade, aquilo era o que havia de mais estranho em Chloe. Ela podia ser mal-educada e manter o nariz empinado, mas nunca, nunca havia reclamado de Red. Ele não sabia muito bem o que aquilo significava.



Naquele momento, os olhos semicerrados de Chloe queimavam por trás dos óculos de um azul forte. Red desfrutou da visão, em um nível meramente estético, e se odiou por aquilo, só um pouquinho. No topo da lista de coisas irritantes em Chloe Brown estava seu rosto lindo. Ela tinha o tipo de beleza brilhante, decadente e rococó que fazia os dedos dele coçarem para pegar um lápis ou um pincel. Era ridículo: a pele negra brilhante, as sobrancelhas arqueadas que davam a tudo um toque de sarcasmo, uma boca na qual se podia mergulhar como se fosse uma cama de plumas. Chloe não tinha o direito de ter aquela aparência. De jeito nenhum.

Red sabia que precisaria misturar um milhão de tons de terra para pintá-la, além do toque de azul-ultramarino que seria necessário para os óculos. Ele soltaria aquele cabelo grosso e castanho, que vivia preso no alto da cabeça. Às vezes, Red olhava para o nada e ficava pensando em como emolduraria o rosto dela. Na maior parte do tempo, pensava que não deveria estar pensando em Chloe. Nunca. Nem um pouco.

Então Chloe lhe disse, cada palavra saindo tão deliberada como um tiro: “Sinto muitíssimo, Redford”. Ela parecia sentir tanto quanto uma vespa por picar alguém. Como sempre, seus lábios e sua língua diziam uma coisa e seus olhos diziam “morra”. Em geral, Red era considerado um cara tranquilo, mas ele sabia que no momento seus olhos diziam a mesma coisa que os dela.

“Esquece”, ele mentiu. “A culpa foi minha.”

Chloe ergueu e baixou um único ombro, o que Red tinha aprendido que era o jeito dos ricos de dizer “que seja”. Então ela foi embora, sem dizer mais nada. As disputas verbais deles nunca iam muito além dos primeiros golpes passivo-agressivos.

Red a viu dar as costas, a saia rodada girando em torno de suas panturrilhas. Viu a irmãs a seguirem, e acenou com a mão quando notou que elas olhavam para trás, preocupadas. Ele ouviu o som dos passos ficando mais baixo e se recompôs, então seguiu até o apartamento da sra. Conrad e comeu a caçarola de legumes horrível que ela havia feito.

Não pensou em Chloe Brown de novo. Nem uma vez. Nem um pouco.

Algumas pessoas diriam que é ridículo fazer uma lista de coisas para mudar depois de um esbarrão com a morte — mas Chloe decidira que aquelas pessoas simplesmente não tinham imaginação nem comprometimento com planos suficientes para isso. Ela deu um suspiro de pura satisfação enquanto se acomodava na montanha de almofadas do sofá.

Era noite de sábado, e Chloe estava feliz por estar sozinha. Sua dor nas costas continuava tão excruciante naquele dia quanto no dia anterior e suas pernas estavam dormentes e doloridas, mas nem mesmo esses problemas arruinariam sua paz. Quando ela pôs na ponta do lápis sua intenção de acordar pra vida, a primeira anotação que fez

foi: encontrar a própria casa. Ela conquistara o objetivo e — deixando certos zeladores irritantes de lado — aquilo só lhe rendera bons frutos.

Através da leve fresta entre as cortinas de sua sala de estar, Chloe viu de relance os raios de sol do fim de tarde de setembro. O brilho quente e acalorado se erguia acima da sombra maciça da face oeste do condomínio residencial, o que deixava o pátio no centro do edifício com uma sombra tranquila, seus tons outonais exuberantes lembrando terra e sangue. O apartamento dela era igualmente calmante: fresco e silencioso, a não ser pelo zumbido do laptop e do toque constante dos dedos de Chloe no teclado.

Felicidade, independência, solidão real. Era melhor que oxigênio. Ela inspirou aquilo. Era, resumindo, o êxtase.

Foi naquele momento que seu celular ganhou vida, estilhaçando sua tranquilidade como se fosse vidro.

“Ah, pelo amor de Deus.” Chloe se deu exatamente três segundos de irritação antes de pegar o aparelho e olhar para a tela. *Eve*. Sua irmã mais nova. O que significava que ela não podia simplesmente deixar o celular no mudo e enfiá-lo numa gaveta.

Droga.

Ela atendeu a ligação. “Estou trabalhando.”

“Bem, isso é inaceitável”, Eve disse, animada. “Ainda bem que liguei.”

Chloe curti uma irritação — o mau humor estava no topo de sua lista de passatempos preferidos —, assim



como curtia tudo em sua irmã mais nova, que era uma tola. Lutando contra seus lábios se curvarem, ela perguntou: “O que é que você quer, Eve?”.

“Ah, que bom que você perguntou.”

*Droga.* Chloe conhecia aquele tom, que não lhe trazia bons presságios. “Sabe, sempre que atendo suas ligações me arrependo em seguida.” Ela pôs o celular no viva-voz, deixou-o no braço do sofá e voltou a digitar no laptop equilibrado em suas pernas.

“Até parece. Você me adora. Sou catatonicamente encantadora.”

“Você não quer dizer ‘categoricamente’?”

“Não”, Eve disse. “Agora me ouve. Vou te passar uma série de instruções. Não pensa, não retruca, só obedece.”

Aquilo ia ser bom.

“Hoje é noite de karaokê no Hockley. Começa em uma hora. Não, Chloe, para de resmungar. Não pensa, não retruca, só obedece, lembra? Quero que você se levante, passe um batom...”

“Tarde demais”, Chloe a interrompeu, seca. “Estou de pijama. Já deu por hoje.”

“Às oito e meia da noite?” O entusiasmo de Eve foi substituído por uma preocupação hesitante. “Você não está mal, né?”

Chloe amoleceu diante daquela pergunta. “Não, meu bem.”

A maioria das pessoas tinha dificuldade de aceitar o fato de que Chloe tinha uma doença. Fibromialgia e dor

crônica eram problemas invisíveis, portanto era fácil ignorá-las. Eve era uma jovem saudável, por isso nunca sentiria a profunda exaustão de Chloe, suas dores de cabeça agonizantes, as dores agudas nas juntas, as febres e a confusão mental, os inúmeros efeitos colaterais de inúmeras medicações. Mas Eve não precisava sentir tudo aquilo para ter compaixão pela irmã. Não precisava ver as lágrimas ou a dor de Chloe para acreditar que às vezes era difícil para ela. Tampouco Dani. As duas compreendiam.

“Tem certeza?”, Eve perguntou, com desconfiança na voz. “Porque você foi bem grosseira com o Red ontem, e em geral isso significa...”

“Estou bem”, Chloe a cortou, com as bochechas queimando. Redford Morgan, o Senhor Simpatia, zelador adorado, o homem que gostava de *todo mundo* menos dela. Mas as pessoas em geral costumavam mesmo não gostar. Chloe voltou a enfiar todos os pensamentos relacionados a ele dentro de uma jaula. “Eu juro”, ela disse à irmã. Não era mentira, não naquele dia. Mas Chloe teria mentido se necessário. Às vezes a preocupação da família só agravava o entorpecimento de sua mente.

“Que bom. Nesse caso, você pode ir comigo no karaokê. Vão ser só duetos, e minha suposta melhor amiga acabou de me dar o bolo. Preciso de uma irmã substituta com urgência.”

“Infelizmente, minha agenda está cheia.” Com alguns movimentos de dedo, Chloe minimizou uma janela, maximizou outra e passou os olhos pelo briefing do

cliente, atrás da parte que falava sobre a sequência de depoimentos no site. Não conseguia lembrar se...

“*Agenda?*” Eve grunhiu. “Achei que você fosse abandonar essa coisa de programação. Achei que tivesse acordado pra vida!”

“Eu mudei”, Chloe disse, calma. “Mas ainda tenho um emprego.” *Rá!* Ela encontrara a informação de que precisava e a guardou na mente, torcendo para que não se transformasse em fumaça em menos de trinta segundos. Chloe não havia tomado muitos remédios naquele dia, de modo que podia mais ou menos confiar em sua memória de curto prazo.

*Mais ou menos.*

“É sábado à noite”, Eve insistiu. “Você é sua *própria* chefe. E trabalha de *casa*.”

“E é exatamente por isso que preciso ser disciplinada. Liga pra Dani.”

“Dani parece um bugio cantando.”

“Mas ela tem presença de palco”, Chloe argumentou, sensata.

“Presença de palco não esconde tudo. Ela não é a Madonna, pelo amor de Deus. Acho que você não está entendendo a gravidade da situação. Não é só noite de karaokê. É uma competição.”

“Ah, uau.”

“Adivinha qual é o prêmio.”

“Não sei”, Chloe murmurou.

“Anda. Adivinha!”



“Me fala. Estou tremendo de animação.”

“O prêmio...”, Eve começou a dizer, de maneira dramática, “são... ingressos para o show de Natal da Mariah Carey!”

“Ingressos para...?” Pelo amor de Deus. “Você não precisa *ganhar* esses ingressos, Eve. Gigi pode arranjar pra você.”

“Essa não é a questão. É pela diversão. Lembra o que é *diversão*? Aquilo de que você mantém distância?”

“Pode ser um choque para você, mas a maioria das pessoas não se anima muito com karaokê.”

“Tá bom”, Eve desistiu, parecendo desanimada. Mas, como sempre, recuperou o entusiasmo logo em seguida. “Falando em diversão... como anda aquela sua lista?”

Chloe suspirou e deixou a cabeça cair para trás, contra as almofadas. Irmãs mais novas eram uma coisa complicada. Não devia ter contado a nenhuma das duas sobre a lista que havia feito depois de sua experiência de quase morte e de sua resolução posterior. Elas sempre tiravam sarro de seus planos.

Bom, azar o delas, porque planejamento era a chave do sucesso. Havia sido graças à lista, afinal de contas, que o obituário imaginário de Chloe tinha melhorado muito. Ela podia orgulhosamente dizer que, se morresse naquele dia, os jornais publicariam algo como:

*Com a idade avançada de trinta e um anos, Chloe se mudou da casa dos pais e alugou um apartamentinho qualquer, como uma pessoa comum. Escreveu uma lista impressionante detalhando*

*seus planos de acordar pra vida, com sete itens. Embora não tenha conseguido completá-la antes de sua morte, a mera existência dessa lista prova que ela se encontrava em um lugar melhor, menos entediante. Nós a saudamos, Chloe Brown. Você claramente ouviu o universo.*

Era satisfatório, embora não ideal. Chloe ainda não havia transformado sua vida, mas estava no processo de fazê-lo. Era uma lagarta presa dentro de um casulo endossado pelo universo. Muito em breve, emergiria como uma linda borboleta que fazia coisas descontraídas e fabulosas o tempo todo, independente de tais coisas terem ou não sido previamente programadas. Tudo o que ela precisava fazer era seguir a lista.

Infelizmente, Eve não tinha a mesma paciência ou uma visão tão positiva da coisa. “E aí?”, ela insistiu quando Chloe não respondeu. “Riscou mais algum item?”

“Mudei de casa.”

“Pois é, eu notei”, Eve zombou. “Sou a última das irmãs Brown morando em casa agora, sabia?”

“Sério? Não fazia ideia. Achei que havia um monte de nós assombrando os corredores.”

“Ah, cala a boca.”

“Talvez você devesse se mudar também.”

“Ainda não. Preciso economizar”, Eve disse vagamente. Só Deus sabia para quê. Chloe tinha medo de perguntar, caso a resposta fosse algo como: *Um violino com diamantes encrustados, claro.* “Mas já faz semanas que você se mudou.



Tem um monte de coisas na sua lista. O que mais você fez?”

*Quando em dúvida, fique quieto* era o lema de Chloe.

“Eu sabia”, Eve acabou dizendo. “Você está me deixando na mão.”

“Te deixando na mão?”

“É. Dani apostou cinquenta libras que você abandonaria a lista antes do fim do ano, mas eu...”

“Ela apostou o *quê?*”

“*Eu* te apoiei, como uma boa irmã.”

“Qual é o problema com vocês duas?”

“E é assim que você retribui? Com apatia? E, pra piorar, nem vai me ajudar a ganhar os ingressos para o show da Mariah Carey.”

“Quer parar de insistir nessa história de karaokê?”, Chloe soltou. Ela passou a mão pelo rosto, de repente exausta. “Meu bem, tenho que desligar. Estou mesmo trabalhando.”

“Tá.” Eve suspirou. “Mas eu voltarei, Chloe Sophia.”

“Para com isso.”

“Não vou descansar até que você não seja mais tão cha...”

Chloe desligou o telefone.

Um segundo depois, uma notificação surgiu na tela.

**eve:** 😊

Chloe balançou a cabeça, em uma irritação carinhosa, e voltou ao trabalho. A otimização dos mecanismos de

busca de restaurantes locais, salões de beleza e outros pequenos negócios de seus clientes não ia se fazer sozinha. Ela mergulhou no ritmo mental que lhe era familiar da pesquisa e da atualização... ou pelo menos tentou mergulhar. Mas seu foco tinha sido abalado. Depois de cinco minutos, Chloe fez um intervalo para resmungar indignada com a sala de estar vazia: “Dani apostou cinquenta libras que eu abandonaria a lista? Ridículo”.

Depois de dez minutos, tamborilou os dedos no sofá e disse: “Ela simplesmente não entende a arte do estabelecimento de metas com base em listas”. O fato de que Dani estava fazendo doutorado não tinha a menor importância. Ela era rebelde demais para reconhecer a importância de um plano bom e sólido.

No entanto... Chloe pensou que já fazia mesmo algum tempo que ela não levava a lista em conta. Talvez estivesse na hora de dar uma olhada nela. Antes que percebesse, o laptop já tinha sido fechado e abandonado na sala, enquanto ela ia buscar o caderno azul cintilante escondido na gaveta da mesa de cabeceira.

Chloe tinha muitos cadernos, porque fazia muitas listas. Seu cérebro, em geral nublado pela dor ou pelos remédios (ou, em dias realmente animados, por ambos), era descuidado e preguiçoso, indigno de confiança, por isso ela recorria a lembretes bem organizados.

Listas de afazeres diários, listas de afazeres semanais, listas de afazeres mensais, listas de remédios, listas de

compras, listas de inimigos a destruir (aquela era meio velha, e mais uma força moral que qualquer outra coisa), listas de clientes, listas de aniversários e, suas favoritas, as listas de desejos. Se algo podia ser organizado, categorizado, programado e escrito em caligrafia clara em uma das seções divididas por cores de seus cadernos, provavelmente já o havia feito. Caso contrário, ela logo se encontraria no que sua mãe chamava de “uma confusão miserável”. Chloe não tinha tempo para confusões.

Mas a única lista que havia no caderno que Chloe agora segurava não era como todas as outras. Ela o abriu na primeira página e passou o dedo pelas rígidas letras de fôrma. Não havia desenhinhos fofos ou rabiscos coloridos nele, porque, quando Chloe escrevera naquela página em particular, não estava de brincadeira. E ainda se sentia da mesma forma.

Aquela era sua lista para acordar pra vida. Ela a levava muito a sério.

O que provocava a pergunta: por que os itens ainda não tinham sido riscados?

Seu dedo seguiu para a primeira tarefa. Aquela, pelo menos, Chloe havia realizado. **1. Mudar de casa.** Ela morava sozinha — e de maneira totalmente independente, em termos de orçamento, comida e o que fosse — tinha cinco semanas, e ainda não havia entrado em combustão espontânea. Seus pais estavam impressionados, suas irmãs estavam adorando, Gigi cantarolava “Eu avisei!” para todo mundo etc. Estava tudo ótimo.



Menos ótimas eram as cinco resoluções não cumpridas logo abaixo.

2. Sair para encher a cara uma noite.

3. Andar de moto.

4. Acampar.

5. Ter uma ótima noite de sexo sem compromisso.

6. Viajar o mundo só com uma bagagem de mão.

E então vinha o último item, aquele que ela havia riscado com uma rapidez alarmante.

7. Fazer algo de errado.

Ah, Chloe havia feito algo de errado, e como. Não que pudesse contar para as irmãs a respeito *daquilo*. A mera ideia fazia suas bochechas esquentarem. Enquanto levava o caderno para a sala, a culpa arrastou seu olhar, esperneando e gritando, na direção da janela. O portal proibido para seu *algo de errado*. A cortina ainda estava fechada, como ela a havia deixado desde sua última transgressão — mas uma frestinha de luz conseguia entrar.

Talvez Chloe devesse fechar mais as cortinas, acabar com aquela fresta, só para garantir. Sim. Com certeza. Ela se aproximou da janela ampla da sala e ergueu uma mão para fazer exatamente aquilo... então algum tipo de mau funcionamento ocorreu e, antes que percebesse, ela

puxara a cortina para o lado, aumentando a fresta em vez de diminuí-la. Um tímido feixe de luz se estendeu na direção dela através do pátio, se fundindo com os últimos suspiros do sol se pondo. Chloe pensou: *Não. Não. Isso é terrivelmente invasivo e meio bizarro demais, você só vai piorar tudo...*

Mas seus olhos continuavam atentos, focados do outro lado do pátio estreito, nos contornos de uma figura a uma janela não muito distante.

Redford Morgan dava duro no trabalho.

*Me chame de Red*, ele havia lhe dito meses antes. Mas ela não o chamava de Red. *Não conseguia*. Aquele apelido, assim como tudo sobre ele, era demais para Chloe. Ela não se sentia bem com pessoas como ele: confiantes, bonitas, que sorriam com facilidade, de quem todo mundo gostava, que pareciam à vontade consigo mesmas. Era o tipo de gente que a lembrava de todas as coisas que ela não era, de todo mundo de quem gostara que a havia deixado para trás. Pessoas como Redford Morgan faziam com que Chloe se sentisse irritadiça, tola, fria e leviana. Seu estômago se retorcia e ela acabava sendo ríspida ou gaguejando.

Em geral, Chloe preferia ser ríspida.

O problema com Redford era que ele sempre parecia pegá-la em seu pior momento. Por exemplo, quando uma jovem mãe bonitona havia encurralado Chloe no pátio e perguntado: “Isso é uma peruca?”.

Perplexa, Chloe havia apalpado seu coque simples e castanho de sempre, se perguntando se por acaso havia colocado uma das perucas loiro platinado de Dani aquela manhã. “Hum... não?”

A jovem mãe bonitona não ficara convencida com a falta de firmeza da resposta e decidira resolver aquilo ela mesma. O que, no caso, envolvera agarrar o cabelo de Chloe como se ela fosse um animal de fazendinha para crianças.

E por acaso Redford havia testemunhado *aquela* parte? Claro que não. Nem havia ouvido o filho sujo de chocolate da mulher chamar Chloe de “mulher malvada e feia” por ter se defendido. Nãããã. Ele surgira em cena como um cavaleiro com sua armadura de tatuagens bem na hora em que Chloe chamara a mulher de “uma desgraça para a humanidade” e a criança de “bola de ranho nojenta”. Embora ambas as coisas fossem claramente verdade.

Redford olhara feio para Chloe, como se ela fosse Cruela Cruel, e permitira que a jovem mãe bonitona chorasse em seu ombro.

Depois viera o infeliz incidente das correspondências. Era culpa de Chloe se uma velha maluca chamada *Charlotte* Brown morava bem acima dela, no 2D? Ou que aquela mesma velha maluca, por falta de óculos, tivesse aberto a caixa de correio de Chloe e a correspondência dentro dela? Não. Não, não era. Tampouco era culpa de Chloe que, inflamada pelo *crime literal* cometido contra



sua pessoa, tivesse reagido no calor do momento despejando todo o chá de sua garrafa térmica pela fenda da caixa de correio da mulher. Como ela ia saber que Charlotte Brown estava para receber postais de feliz aniversário pelos setenta anos de seus netos que moravam nos Estados Unidos? Chloe não tinha como saber, claro. Ela não era vidente, pelo amor de Deus.

Chloe tentara explicar tudo aquilo a Redford, que parecera furioso e lhe dissera algo terrível — ele era bom naquilo, o canalha —, então ela desistira. Era muito mais fácil afetar um silêncio de superioridade, especialmente com ele. Redford a transformava em um completo desastre, de modo que Chloe evitava sua companhia durante o dia como se fosse a peste.

Mas, durante à noite, às vezes, ela ficava vendo Redford pintar.

Agora ele estava de pé diante da janela, sem camisa, o que Chloe imaginava que fazia dela uma pervertida, e não só bisbilhoteira. Mas não se tratava de algo sexual. Ela mal o achava atraente. Chloe não o via como um objeto nem nada do tipo. À distância, no escuro, com aquela língua afiada dele bem guardada, ela o via como poesia. Ele tinha algo de visceral, mesmo quando olhava feio para ela, mas principalmente quando pintava. Havia uma sinceridade, uma vulnerabilidade nele, que a cativava.

Chloe sabia que era uma pessoa de carne e osso, como Redford. Mas não estava viva como ele. Nem de perto.

Ele estava de perfil, focado na tela a sua frente. Às vezes, pintava de forma hesitante, quase cautelosa; outras vezes, mais encarava a tela que a tocava. Mas, aquela noite, Redford era como uma tempestade, golpeando e pintando com movimentos rápidos e fluidos. Chloe não conseguia ver no que ele estava trabalhando, tampouco queria. O que importava era o sutil sobe e desce de suas costelas conforme a respiração acelerava, os movimentos rápidos e minuciosos de sua cabeça, fascinantes, como os de um pássaro. O que importava era *ele*.

Seu cabelo comprido caía sobre o rosto, uma cortina de caramelo e cobre com mechas da mesma cor da luz da lareira. Ela sabia que aquele cabelo escondia sobrancelhas grossas e provavelmente franzidas em concentração; um nariz desarmônico e saliente; uma boca fina que vivia à beira de um sorriso, cercada por uma barba por fazer, mais clara. Chloe gostava de ver a ardente concentração em seu rosto enquanto Redford pintava, mas sabia que era melhor quando o cabelo desarrumado dele cobria tudo. Se ela não conseguia vê-lo, então ele não conseguiria vê-la. De qualquer modo, não precisava ver o rosto dele para se afogar em sua vitalidade. As mechas cor de cobre espalhadas sobre os ombros largos e a tinta das tatuagens sobre sua pele clara já eram o bastante.

Se alguém lhe perguntasse como eram as tatuagens de Redford, Chloe não seria capaz de descrever as imagens ou as palavras escritas. Ela falaria do preto denso, dos toques de cor. daquelas mais desbotadas, que pareciam



ligeiramente em relevo, e daquelas que o inundavam como tinta derramada na água. Falaria sobre como era estranho escolher sangrar por algo, por vontade própria. Sobre como a fazia se sentir e como queria desejar alguma coisa tão intensamente e por tempo bastante para construir o equivalente dela das inúmeras tatuagens dele.

Mas ninguém nunca lhe perguntaria, porque ela nem deveria saber daquilo.

Quando deparara com aquela visão pela primeira vez, Chloe se virara na hora e fechara os olhos, enquanto seu coração tentava pular para fora de sua gaiola. Fechara a cortina. Com tudo. Mas a imagem ficara com ela, e a curiosidade havia crescido. Chloe passara dias pensando a respeito. *Ele estava pelado? Na frente da janela? E o que era aquilo que segurava? O que ele estava fazendo?*

Ela aguentara três semanas antes de voltar a olhar.

Da segunda vez, estava hesitante e chocada com a própria audácia, considerando como se esgueirara até a janela no escuro e se escondera atrás das cortinas quase fechadas. Observara por tempo suficiente para obter respostas para suas próprias perguntas: ele estava de jeans e nada mais; segurava um pincel; pintava, claro. Então Chloe continuara olhando, hipnotizada pela visão. Mais tarde, riscara *Fazer algo de errado* de sua lista e tentara se sentir bem a respeito, e não culpada. Não funcionou.

Mas e aquela vez? A terceira vez? *A última vez*, Chloe disse a si mesma, com firmeza. Qual era sua desculpa então?

Ela não tinha nenhuma. Claramente, devia ser censurada.

Redford parou, se endireitou, deu um passo atrás. Chloe ficou olhando enquanto ele deixava o pincel de lado e alongava os dedos de um jeito que indicava que vinha trabalhando fazia horas. Ela tinha inveja de como ele era exigente consigo mesmo, do tempo que conseguia se manter no mesmo lugar sem que seu corpo reclamasse ou sofresse. Ou o punisse. Chloe abriu um pouco mais a cortina, suas mãos invejosas se movendo sozinhas, lançando mais luz sobre sua culpa ensombrecida.

Red se virou de repente. E olhou pela janela.

Bem na direção dela.

Mas Chloe já não estava ali. Tinha voltado a fechar a cortina, se virado e prensado o corpo contra a parede da sala. Seu coração batia tão forte e tão acelerado que quase doía. Sua respiração saía entrecortada, como se ela tivesse acabado de correr um quilômetro e meio.

Ele não a tinha visto. Não tinha. *Não tinha.*

No entanto, não podia deixar de se perguntar: o que ele faria, se a tivesse visto?

Por que uma mulher que detestava Red passaria a noite observando-o pela janela?

Ele não sabia dizer. Não havia um bom motivo. Havia motivos condenáveis, envolvendo fetiches, classes sociais e toda a merda que as pessoas consideravam degradante, mas Red não achava que era o caso de Chloe Brown. Não porque ela estivesse acima de desejar um homem que menosprezava, mas porque não parecia do tipo que desejava quem quer que fosse. Não havia desejo sem vulnerabilidade. Por baixo de sua bela aparência, Chloe devia ser tão vulnerável quanto um tubarão.

Então talvez os olhos de Red o tivessem enganado. Talvez ela não estivesse olhando para ele. Mas Red sabia o que tinha visto, não sabia? O cabelo escuro e grosso em um coque solto; o brilho da armação azul dos óculos; uma figura suntuosa em um pijama de botões com listras cor-de-rosa. Linda, arrumada e sempre usando roupas com botões. Ele sabia exatamente quem morava no apartamento em frente ao dele, do outro lado do pátio, e sabia — Red *sabia* — que a havia visto na noite anterior. Mas por quê?



“Red”, a mãe dele resmungou. “Não precisa fazer tanto barulho para cortar. Você está acabando com meus nervos.”

A distração, por mais ridícula que fosse, foi um alívio. Red estava cansado de seus pensamentos repetitivos, que eram como uma sombra sem graça em sua mente. Ele virou para encarar a mãe, que estava à mesa em um canto da cozinha apertada, ao lado da janela. “Vai mesmo reclamar do jeito que eu corto? Sendo que vim aqui fazer o almoço pra *você?*”

“Não banque o engraçadinho”, ela disse, olhando feio para ele. Era cega de um olho, mas a falta de visão não impedia suas íris cortantes.

Red fez cara de inocente. Ela bufou audivelmente e voltou a se virar para a janela, abrindo mais a cortina de voile. Governava aquela rua sem saída com punho de ferro, passando a maior parte do tempo à espera de que alguém viesse lhe pedir alguma coisa.

Daquela vez, quem veio foi Shameeka Israel, uma médica do Queen’s Medical Center. Aos domingos, quando ela ia almoçar com a tia-avó que morava três portas adiante, a dra. Israel se tornava Nossa Meeka, ou simplesmente Janelinha. Ela apareceu na janela com uma travessa de rabada com curry e disse: “Pra senhora. Minha tia fez mais, pensando no seu resfriado”.

A carranca da sra. Morgan se abrandou ao ouvir a voz da médica. “Janelinha. Você é tão boa. Quando vai se casar com Redford?”

“Em breve, sra. Morgan. Não é, Red?”

Ele piscou para ela, do outro lado da janela. “Combinado.”

Meeka sorriu, revelando a janela entre os dentes, então deixou a comida no peitoril da janela e se despediu. Assim que ela saiu com seu Lexus, Red afastou a travessa da mãe. Ela já tinha tirado a tampa, enfiado o dedo no molho e lambido.

“Ei”, Red a repreendeu. “Vai perder o apetite. Estou fazendo *soupe au pistou*.”

“E o que exatamente é isso?”

“Testículos de texugo. No vapor.”

Ela resfolegou, e uma expressão de nojo tomou conta de seu rosto. “É o que parece mesmo.” A sra. Conrad não era a única pessoa dramática na vida de Red. Com sua mãe e Vik, ele estava cercado por gente daquele tipo.

Red estava prestes a contar à mãe que ingredientes realmente iam na sopa quando ela se inclinou na direção da janela e elevou a voz à altura de um avião voando baixo. “Ô Mike! Estou vendo você, seu imprestável! Vem aqui.”

Mike era basicamente o namorado inútil da sra. Morgan. Era assim que os dois flertavam. Red foi até o fogão e mexeu a sopa, fazendo questão de ignorar o que Mike gritava de volta. Ele devia ter seus setenta anos, bebia muito e apostava diariamente. Red não o aprovava.

Mas não era como se pudesse dizer alguma coisa. Não quando sua mãe o havia alertado sobre sua última

namorada, Pippa, e ele a ignorara alegremente até o amargo, maldito fim. Red não era bem um especialista em relacionamentos. Mas não ia pensar em Pippa, ou em Londres, ou em seus inúmeros erros, porque aquilo só o deixava puto, e Red odiava ficar puto. Curtia mais ficar alegre e tranquilo.

Red já havia quase recuperado seu equilíbrio, limpando os pratos depois de um bom almoço, quando a mãe tocou no assunto mais delicado do mundo para ele, com a sutileza de um rinoceronte desenfreado.

“Já voltou a vender algum quadro?”

Ah, o assunto preferido dele. “Ainda não”, Red disse, calmo. Um pouco calmo demais, mas a mãe pareceu não notar.

“Se mexe, amor. Faz anos que você está nessa.”

Anos? “Faz só dezoito meses.”

“Não corrija sua mãe.”

Red não era reconhecido o suficiente por sua paciência sem limites. Talvez ele mesmo devesse se dar um prêmio. *A Redford Thomas Morgan, de quem muito abusam, em reconhecimento por sua resiliência diante de perguntas sem sentido sobre sua arte.* Ou algo do tipo.

“Você não pode deixar aquela riquinha maldita destruir sua carreira”, a sra. Morgan prosseguiu.

*Tarde demais.* Red despejou uma quantidade enorme de detergente numa tigela.

“Não adianta me ignorar, Redford. Responde. O que você anda fazendo? Está trabalhando, não está?”



“Estou.” Red suspirou, porque se não dissesse alguma coisa a mãe não ia parar de encher o saco dele. “Faço mais ilustrações como frila. E estou investindo no meu portfólio.” *De novo.* “Acabei de fazer uns nanquins de um cérebro e uma garrafa de vinho do porto.”

A mãe o olhou como se a cabeça dele tivesse acabado de cair do pescoço.

“Pra uma revista”, ele explicou. “Era uma matéria sobre disfunção erétil.”

Ela bufou e deu as costas para a janela, perfurando-o com o olho bom, que brilhava desconfiado por trás dos óculos cor de âmbar. “Você desenha para revistas desde que era pequeno. O que está esperando? Vende logo seus quadros. Você já tem alguns prontos, não é?”

Ah, sim, ele tinha alguns prontos. Vinha pintando com a mesma obsessão de sempre, e alguns quadros eram razoavelmente bons. Mas era *diferente*. Era diferente, e ele estava diferente, e ele sabia de coisas diferentes, e depois de todas as decisões ruins que havia tomado...

Bem, Red tinha muitos trabalhos para vender. Mas, até então, não tivera coragem de mostrá-los a ninguém. Toda vez que considerava a possibilidade, uma voz com um sotaque familiar e cortante o lembrava de algumas coisinhas. *Você se esforça tanto, Red, que chega a ser triste. Aceite quem você é, querido. Você não era nada antes de mim, e não vai ser nada depois.*

A fala cortante de Chloe Brown não chegava nem perto daquela de Pippa Aimes-Baxter.

E por que caralho ele estava pensando em Chloe de novo?

“Vai ser senhorio pra sempre?”, a mãe dele perguntou.

Red sacudiu a cabeça com tudo, como um cachorro, para afastar os pensamentos indesejados. “Vik é o senhorio, mãe. Sou o zelador.”

“Você devia aprender com Vikram, é o que eu acho. Quem consegue parar aquele garoto? Ninguém. Nada.”

Era verdade. Além de ser o melhor amigo de Red, Vik Anand também era um pequeno magnata dos imóveis que havia dado a Red o cargo de zelador depois que... bem, depois de Pippa. Red era só mais ou menos qualificado, mas ainda não havia feito nenhuma cagada, e era bom encanador. Um eletricista razoável. Excelente decorador. E dava muito duro.

Era um merda na administração, mas fazia o seu melhor.

Eeeeeee... ele já estava dando desculpas.

“Você tem razão”, ele disse, esfregando uma frigideira e piscando quando uma mecha de cabelo caiu sobre os olhos. Era como ver o mundo através da grama alta e seca ao pôr do sol. Seus dedos estavam ficando vermelhos por causa da água quase fervendo, a palavra MÃE tatuada nos nós dos dedos nítida como sempre, cada letra logo acima dos anéis de prata do avô. Aquela tatuagem não havia sido a coisa mais inteligente que fizera na adolescência, mas o sentimento permanecia: ele amava muito a mãe. Por isso, olhou para ela e repetiu: “Você tem toda a razão. Amanhã

de manhã vou começar a trabalhar sério nisso. Planejar. Pensar em um site novo”.

Ela assentiu, voltou-se para a janela e mudou de assunto. Começou a fofocar sobre o sobrinho desajuizado da sra. Poplin, que havia engravidado a garota da loja da esquina, que não tinha um dente da frente, dava para acreditar?

Red fez “hummm” em todos os momentos certos e pensou em como poderia deixar Kirsty Morgan orgulhosa. Ele encerrou a visita com um beijo de cada lado do rosto dela e prometeu dar uma passada durante a semana, quando pudesse. Então vestiu o capacete e a jaqueta de couro, subiu na moto e voltou para o prédio residencial que era ao mesmo tempo uma bênção e uma desculpa.

Ele não estava preparado para o espetáculo que encontrou do lado de fora.



Caminhar fazia bem ao coração, reduzia significativamente as chances de câncer de mama e era considerado um esporte de impacto relativamente baixo. Apesar desse último ponto e apesar do New Balance para caminhadas que Chloe havia comprado especialmente para aquilo, seus joelhos a estavam matando.

“Você”, ela resmungou para a calçada sob seus pés, “é uma canalha de marca maior.”

A calçada se recusou a responder, o que pareceu a Chloe um tanto esnobe. Se tinha a coragem de incomodar seus ossos a cada passo, devia ser capaz de defender sua repreensível solidez.

Por outro lado, talvez a situação atual de Chloe *fosse* culpa sua. Ela não havia tomado os analgésicos aquela manhã, porque acordara disposta, então provavelmente não devia ter passado os últimos vinte e sete minutos farreando ao ar livre, inspirando o ar fresco do outono e se esforçando um pouco mais que o normal. Estava na cara que aquilo ia acontecer.

Chloe sentia aquela familiar sensibilidade nos pontos fracos de seu corpo, via o cinza maçante da exaustão nos limites da mente. Mas agora estava quase em casa.

Atravessou o pequeno parque em frente ao prédio — *Grama! Graças a Deus!* —, já planejando se recompensar com uns remedinhos ótimos, um pijama fofinho e cookies com gotas de chocolate amargo. Chocolate amargo era uma escolha extremamente saudável, claro. Os antioxidantes compensavam quase todo o açúcar.

Ah. Havia um gato em uma árvore.

Ela parou na hora, com a mente dispersa. Um gato. Em uma árvore. Era como se tivesse entrado em um livro infantil. À direita, havia um carvalho que dominava a maior parte daquela área verde. Em meio aos galhos mais altos e finos havia um gato. Era ao mesmo tempo um conceito familiar e uma visão desconcertante. Com tudo o que já havia ouvido falar de gatos em árvores, nunca havia de fato se deparado com um.

Chloe cruzou os braços, apertou os olhos diante do céu claro e brilhante demais e ouviu os “miaus” da criatura se lamentando.

Depois de um momento, ela lhe disse: “Parece que você está preso”.

O gato miou em confirmação, como se fosse a miniatura de uma vítima de assassinato. Ele era pequeno, mas muito gordo, o pelo tão cinza que era quase preto, enquanto seus olhos penetrantes pareciam dizer: *Você não vai me deixar aqui, né?*

Chloe suspirou. “Tem certeza de que não consegue descer sozinho? Não quero ser grosseira, mas você sabe como a coisa funciona. Alguém ingênuo e de coração

*image  
not  
available*



desconfiada. Suportaria cerca de noventa e cinco quilos de mulher? Ela duvidava.

“Gato”, ela disse, com a respiração entrecortada. “Talvez você precise descer um pouquinho. Se joga nos meus braços.” Ela soltou o galho que agarrava com força, deixou os braços juntos ao corpo para se equilibrar e depois os estendeu, de maneira encorajadora. “Vem. O salto da fé e tudo o mais.”

O gato não pareceu impressionado.

“Não vou te deixar aqui”, ela disse. “Prometo. Eu agarro bem. Joguei *netball* na seleção regional, sabia?”

O gato a olhou cético.

Chloe suspirou. “Sim, faz mais de uma década. Mas é indelicadeza da sua parte apontar isso.”

Talvez o gato tivesse gostado da sinceridade dela, porque estendeu uma pata delicada e pareceu considerar a possibilidade de descer.

“Esse é o espírito. Vem pra cá.”

Com uma agilidade alarmante, o gato de fato desceu. Chloe ficou surpresa, considerando tudo, que ele não tivesse pulado confortavelmente para o chão e a deixado para trás. A julgar por seus movimentos ágeis, provavelmente teria conseguido. No entanto, em vez de tentar escapar, ele pulou de um galho a outro até repousar nos braços de Chloe, como ela havia sugerido.

Chloe ficou olhando para a bola de pelos cinza que ronronava contra sua barriga. Depois de um momento de estupefação, ela conseguiu dizer: “Você não consegue me

*image  
not  
available*

“Sabe”, ela começou a falar, enterrando os dedos gelados nos pelos do gato em apuros, “acho que no fim das contas eu posso estar presa, sim.”

Red cruzou os braços. Considerando sua altura, a largura de seus ombros e a jaqueta de couro surrada que usava, o efeito geral era ligeiramente intimidador. “Achei que você tinha dito que não estava.”

“Não seja chato”, ela soltou, se arrependendo em seguida. O problema é que ela estava com dor, o que em geral a deixava de pavio curto. Suas juntas estavam rígidas e doloridas, sua lombar gritava, e sua educação era sempre a primeira a falhar durante catástrofes físicas.

Mas, uma vez na vida, Red não retrucou. Só apertou os olhos para ela e perguntou, devagar: “Você está bem?”.

Ela se enrijeceu. “Sim.”

“Se machucou?”

*Não, ela não tinha se machucado. Mas sentia dor? Sempre.* “Vai me ajudar a descer ou não?”, ela perguntou.

Red revirou os olhos. “Você sabe como encantar um cara”, disse, mas então descruzou os braços e tirou a jaqueta, claramente se preparando para a ação. O couro aterrissou aos pés dele, como um animal morto, o que Chloe imaginou que tecnicamente era. A menos que fosse falso.

“É de verdade?”, ela perguntou, apontando com a cabeça na direção da jaqueta.

Ele voltou a arquear uma sobrancelha, cheio de graça, e se aproximou da árvore só de jeans e camiseta. “É com



*image  
not  
available*

“Na verdade, eu ia falar de quando você fez o Frank Leonard do 4J chorar.”

Chloe soltou o ar. “Eu não fiz Frank *chorar*. Os olhos dele já estavam cheios de lágrimas quando a conversa começou. Foi tudo um mal-entendido.”

Red grunhiu, cético.

“Sinceramente, não vejo necessidade de remoer o passado quando estou trepada numa árvore, tentando salvar um gato.”

“Se é assim, *eu estou* trepado numa árvore tentando salvar um gato e uma mulher”, ele rebateu.

“Você não está me salvando nem um pouco, diga-se de passagem.”

“Ah, é? Posso descer então?”

“Tá bom. Dá um chilique, se é o que você quer.”

“Dar...?” A incredulidade de Red foi logo substituída por um resmungo. “Não vou entrar nessa com você.”

Ela piscou algumas vezes olhando para ele. “Como assim?”

“Não vou discutir. Não tenho esse costume.”

“Que chatice”, ela murmurou.

“Só... anda logo antes que eu perca o controle, tá?”

“Achei que você já tivesse perdido.”

“Juro por Deus, Chloe, você tem três segundos.” Ele movimentou a mão que oferecia para dar ênfase. Tinha uma mancha de tinta magenta no dedão.

Chloe suspirou, então ergueu o gato para ver se ele permitia aquela familiaridade. Permitia. Reassegurada,

*image  
not  
available*



Ela hesitou. Sentiu seu peito ser aberto à força. “O que isso quer dizer?”

“Tem certeza de que não se machucou? Parece que você está com dor.”

Ah. Claro. Ela balançou a cabeça, evitando o olhar dele enquanto a tensão passava. “Não é nada.”

Depois de uma breve pausa, ele voltou a descer. “Sabe”, Red disse, puxando papo, “acho que temos mais ou menos a mesma idade. Eu também gostava de *Xena: A princesa guerreira* e da capitã Janeway, de *Star Trek: Voyager*.”

“Ah, que bom para você.”

“Não é porque estou resgatando você...”

“Você não está.”

“... como um cavaleiro de armadura brilhante que significa que acho que vocês são todas... você sabe. Donzelas em apuros.”

Chloe soltou o ar, e uma nuvenzinha de vapor se formou na hora. Ela era definitivamente mais dragão que donzela. “E...?”

“E, se você se machucou, não vou agir como um babaca.”

“Ah, é?”, ela perguntou, por entre os dentes cerrados.

“É. Tipo, não vou *insistir* que a gente dê uma passada na minha casa pra eu dar uma olhada em você.”

“Que bom.”

“Mas vou *sugerir* que você me deixe te acompanhar até sua casa para garantir que está tudo bem. E que me deixe fazer um chá. Para te esquentar.” Antes que ela pudesse

*image  
not  
available*

Ele bateu outra vez, passou a mão pelo cabelo e começou a ficar realmente preocupado. Quando ela fora embora, sua boca estava tensa e a pele parecera acinzentada sob uma leve camada de suor. Suas palavras tinham saído mais apressadas, tensas, mais cortantes que o normal. Chloe havia se movido com rigidez, o corpo todo curvado, e não parecia ser só frio. Era óbvio que não queria admitir que de alguma maneira havia se machucado ao subir na árvore, e Red não se incomodaria de encher o saco dela até descobrir do que se tratava. Afinal, tinha muita prática em fazer o mesmo com a mãe.

Ele já estava pegando o molho de chaves quando a porta finalmente se entreabriu. Um único olho grande e escuro o mirava desconfiado.

Red arqueou uma sobrancelha. “Cadê seus óculos?”

“Você é bem intrometido”, ela disse. “O que você quer?”

“Estão dizendo por aí que você tem um gato.”

Ela olhou nos olhos dele e disse: “Sr. Morgan, eu nunca faria isso!”.

Um sorriso se formou nos lábios dele contra sua vontade. “Vou ter que dar uma olhadinha, se não se importa.”

“Eu me importo, e muito.”

“Bom, mesmo assim.”

Com um suspiro pesado, ela o deixou entrar.

Chloe era uma daquelas mulheres que sempre pareciam arrumadas. Mesmo no alto da árvore, ela usava roupa de academia combinando e parecendo muito apropriada para



*image  
not  
available*

designer que ele não sentisse vontade de estrangular.

“Bisbilhoteiro”, Chloe disse.

Red ergueu os olhos e a viu recostada ao batente da porta, não de um jeito casual e charmoso, mas de um jeito “não estou me aguentando em pé direito”. Ele levantou na mesma hora. “Você está bem?”

“Claro. Você está comendo meus biscoitos?”

Ele enfiou o último na boca e murmurou: “Não”.

“Eu vi isso.”

“Eu vi o gato.”

“Boa.” Sua caminhada em direção a ele foi lenta e difícil de assistir. Chloe se movia como se tivesse levado uma surra. Se não tivesse sido ele mesmo quem a ajudara a descer em segurança daquela árvore, Red imaginaria que ela havia caído. Chloe estava de óculos agora. Usava um roupão pink enorme e pantufas com orelhas de coelho igualmente enormes. As pantufas o surpreenderam, então Red se recordou de que Chloe usava a fofura para esconder seu eu maligno. Como a professora Umbridge.

Só que ele não conseguia imaginar Umbridge salvando um gato de uma árvore. Mas não importava. Red pensaria naquilo depois.

Os olhos dela pareciam um pouco brilhantes demais e fora de foco. O cabelo estava solto, em ondas fofas em torno do rosto que lembravam nuvens de tempestade. Chloe o apalpou, pouco à vontade, e suas mãos pareceram... tremer? Puta que o pariu. Red teve que se esforçar para resistir à vontade de pegá-la no colo e levá-

*image  
not  
available*



de sal e chá. Ou vai ver sou viciada em comprar bichinhos de pelúcia antigos por milhares de libras no eBay. Ou todas as minhas roupas têm diamantes minúsculos nas costuras.”

Red não conseguiu evitar rir. “Você é tão...” Tão surpreendente. Como se não fosse a esnobe cruel que ele havia imaginado. Como se fosse só uma garota rabugenta e desajeitada, com quem ele devesse parar de perder a paciência.

Só que Red *nunca* perdia a paciência a não ser quando estava com ela. E ele tinha aprendido da pior maneira que deixar uma mulher afetar seu humor era o primeiro passo para um caminho totalmente fodido.

O que talvez tenha sido o motivo pelo qual ele disse: “Por coincidência, estou precisando de um site”.

“Ah é?” O tom de voz dela era áspero como lixa, mas, de alguma forma, Red sabia que Chloe estava interessada naquilo.

Ou talvez ele só torcesse para que ela estivesse.

“Mas você deve ser daquelas designers finas, né? Que cobram caro pra caralho.”

“É verdade.” Ela abriu os olhos, e ele sentiu um arrepio subindo pelo corpo quando seus olhos se encontraram. Frio e quente ao mesmo tempo, inesperado e inexplicável. Red ainda estava tentando entender o que havia acontecido quando Chloe acrescentou: “Mas, como você foi legal com a história do gato, posso te dar um desconto”.

*image  
not  
available*

Dez minutos depois, estava em sua sala/ateliê, vendo Chloe “descansar os olhos” do outro lado do pátio. Ela parecia estar ferrada no sono, mas aquilo não era da conta dele. Red só queria garantir que o gato não tivesse deitado na cara dela, sufocando-a ou coisa do tipo. Gatos não eram dignos de confiança, era o que Vikram dizia ao telefone.

“São um pé no saco. Sempre mijam atrás do sofá, você sabe.”

Red passou uma mão pelo cabelo e deu as costas para a janela. “Se você diz... Olha, é só até a gente achar o dono. A inquilina do 1D subiu em uma árvore pra pegar o bicho, não acho que ela vá querer mandar para a Sociedade Protetora dos Animais.”

“Hum, 1D?”, Vik perguntou. Red não devia ter entrado em detalhes. Vik era esperto e tinha uma ótima memória. “Não é aquela de quem você está sempre reclamando?”

Red olhou feio para o nada. “*Sempre?*”

“Sempre.”

“Não.”

“Alisha!”, Vik gritou. “Red está falando de novo da riquinha do 1D.”

À distância, Red ouviu a voz da esposa de Vik gritando de volta: “Ah, não. Fala pra ele parar com essa história.”

“Viu?”

“Vai se foder.”

Vik suspirou de maneira dramática. “Não precisa ter vergonha só porque você tem um tipo, cara. Nunca me interessei por riquinhas, mas...”

*image  
not  
available*



“Obrigada. Você faz bolos deliciosos.”

“Vou divulgar isso na janela da minha confeitaria um dia”, disse Eve, animada. “*Faço bolos deliciosos. Foi minha irmã quem disse.*”

Chloe ergueu as sobrancelhas. “Confeitaria?”

“É o plano mais recente”, Dani gritou do corredor. “Mas nem pergunta a respeito, ou ela vai começar a choramingar por causa da tirania dos pais céticos que se recusam a emprestar dinheiro para os negócios das filhas, e você sabe que não aguento esse papo de menina mimada.” Ignorando o suposto ultraje da irmã mais nova, Dani voltou à sala com o gato reclamando em seu colo. “É essa a criatura que você salvou?”, ela perguntou, mostrando a bola de pelos se debatendo.

“Não”, Chloe murmurou. “É um dos inúmeros outros gatos que arranjei há dois dias.”

“Cala a boca.” Dani apertou os olhos felinos estreitos com a expressão séria e a mandíbula cerrada. Ela tinha o hábito de ranger os dentes quando se concentrava em algo especialmente complicado. Finalmente, parou de encará-lo e anunciou: “Acho que esse gato é... macho”.

“Excelente”, Chloe disse, satisfeita. “O nome dele vai ser Smudge.”

“Ah, Chloe”, Eve disse, em reprovação. “Você tem que chamar ele de Gato, que nem a Holly Golightly.”

Irmãs mais novas eram inacreditáveis. Todas umas mandonas. Com um olhar intimidante, Chloe disse: “Não

*image  
not  
available*

mão por puro ciúme e, em uma ocasião especial, um acidente de carro leve. “Maravilha”, ela ronronou. “Nesse caso, espero que durma com ele assim que possível. Não tem sexo na sua lista?”

Foi por pouco que Chloe conseguiu evitar engasgar até a morte de estupefação.

“Tem mesmo”, Eve disse. “Ah, anda, Chlo. Dá pra ele. E conta tudo pra gente.”

As irmãs dela eram um verdadeiro pesadelo. “Homens não são pra mim”, Chloe disse, firme. *Muito menos esse homem. Eu nem saberia o que fazer com ele.* Mas sua mente fez inúmeras sugestões, e a deixou de boca seca.

Dani inclinou a cabeça. “Decidiu tentar com as mulheres então? Maravilha.”

“Não estou tentando nada, muito obrigada.” Parecia que o subconsciente de Chloe precisava ser avisado daquilo tanto quanto suas irmãs.

“Por que não?”, Eve perguntou, sua natureza romântica tendo sido claramente ofendida.

“Você sabe por quê.”

“Não sei, não.”

Chloe suspirou. “É trabalho demais. Não posso com isso.”

Dois pares de olhos escuros se voltaram para ela, nada impressionados.

Chloe insistiu. “É muito esquisito, sair com alguém quando se tem um problema de saúde crônico. As pessoas

*image  
not  
available*



Algum tempo depois, Chloe estava limpa, seca e arrumada, com um vestido leve e um suéter combinando — embora todos os seus suéteres tivessem botões, como se fossem casaquinhos. Ela gostava da aparência, mas seus dedos nem sempre davam conta de pôr os botões para dentro e para fora das casas. Seus óculos estavam limpos e seu cabelo estava preso em um coque brilhante. Chloe havia tomado os anti-inflamatórios, os analgésicos mais fracos e os comprimidos que protegiam seu estômago do estrago causado pelos outros remédios.

Então voltou à sala, onde foi amplamente ignorada pelas irmãs, que discutiam, e elaborou inúmeras listas: e-mails a escrever, trabalhos a retomar, diários de humor e de alimentação a preencher. Por último, fez uma anotação na agenda, sob a seção de afazeres da semana, com uma única palavra.

*Red.*

Ela não sabia muito bem o que mais registrar. O que escrever sobre um homem com cabelos como uma cascata de fogo e anéis de prata, um homem que sorria para todo mundo sem se sentir desconfortável com aquilo, um homem que era o exato oposto de Chloe Brown?

Pelo visto, apenas seu nome.

Ela voltou à realidade e ouviu as irmãs discutindo sobre Lady Gaga, porque eram aquele tipo de pessoa.

“Foi um trampolim. Todo mundo tropeça durante o período de crescimento.”

*image  
not  
available*

imagem da ignorância e, portanto, inocente, quando conversassem sobre o site.

Ou era o que esperava.

*image  
not  
available*



que pudesse explicar aquilo, mas ela definitivamente pertencia àquele lugar. Red sentia a pele macia contra a sua, o hálito em sua orelha, as unhas se enterrando no bíceps. Um aroma-fantasma o assombrou, salgado como o mar em um dia de folga na praia — ou como o suor entre os corpos de duas pessoas buscando uma sensação.

Ele apertou a base do pau e sentiu um pulso elétrico de prazer. Com a outra mão, pegou o saco pesado, cheio, firme e teso ao toque. Red não sabia se devia se sentir aliviado ou preocupado com a constatação de que não ia demorar muito. Um minuto, no máximo. Ele bateu uma com força, torcendo um pouco o punho ao chegar à cabeça inchada, espalhando com o dedão o pré-goço sobre a pele sensível.

Se afundar em Chloe era tentador, mas, em vez disso, Red desceu pelo corpo nu dela. De olhos fechados diante da verdade da própria fraqueza, ele sentiu o cheiro dela, se banhando em seu calor. Abaixou a cabeça. Passou a língua por ela, abrindo os lábios inchados para provocar o clitóris e provar seu centro úmido e ardente. No mundo real, ele estremeceu, como se fosse demais para seu corpo. Sua próxima respiração soou mais como uma arfada. Bateu mais rápido e pensou em como ela reagiria, em como suas coxas iam se enrijecer em volta dele e seus quadris iam se projetar em sua direção, então aquela voz perigosa ia fraquejar na hora de dizer o nome dele...

Alguém bateu na porta da frente.

*image  
not  
available*

“Mais ou menos. É meu laptop. Pensei em dar uma passada para ver se você está livre para a consultoria.” Chloe deu um passo à frente. Havia tanta autoridade naquele único passo que ele automaticamente recuou. De repente, ela estava dentro do apartamento. Como diabos aquilo tinha acontecido? E como diabos ele ia fazer pra tirá-la dali?

Red abriu a boca para dizer: *Por favor, vai embora*. Então se lembrou de que não era um cretino mal-educado e desistiu. Na verdade, ele não suportava homens que tratavam mulheres de forma diferente porque elas eram desejáveis. E o sonho não tinha sido nada de mais. Ele só precisava de uma boa transa, e não dava para negar que ela era maravilhosa, por isso seu subconsciente juntou as duas coisas. Aquilo era tudo.

Red fechou a porta e disse: “Tá. Pode ser agora”.

“Ótimo.” Seu sorrisinho pareceu impossivelmente ensolarado. Sua saia rodou em torno das pernas quando Chloe se virou para encará-lo. Era uma saia vintage meio armada, branca com flores de papoula vermelhas surgindo num gradiente perto da barra. Red gostou. Mas ele gostava de todas as merdas comportadas que ela usava. Contra sua vontade, ele deixou os olhos passearem por aquelas pernas. As panturrilhas dela estavam de novo à mostra assim como seus tornozelos, envoltos pelas tiras de couro dos sapatos envernizados. Ele absorveu cada detalhe como se fosse um vitoriano na seca.

“Está tudo bem?”, ela perguntou.

*image  
not  
available*



Ela balançou a cabeça. “É sério. Foi só uma brincadeira, Redford.”

“Red”, ele corrigiu, porque não tinha mais o que dizer.

“Foi só uma brincadeira, Red.”

Ele pigarreou. “Só, hum, pra deixar claro, você não é... um horror.”

“É claro que não”, Chloe disse. “Sou extremamente atraente. Agora vamos nos sentar?”

Ele reprimiu um sorriso e a conduziu até o quarto. Então se perguntou em que porra estava pensando. O tesão diminuía a inteligência dele? Talvez. Era a única explicação possível para deixar Chloe à solta em seu quarto, também conhecido como o lugar onde quase havia chegado ao orgasmo. Ele nem conseguia olhar para ela. Muito menos conseguia olhar para a cama, mas sabia que a coberta estava desarrumada onde havia se deitado e...

Bom. Era melhor nem pensar nisso.

“Não é muito artístico”, Chloe disse, seca, olhando para tudo. Ela avaliou demoradamente os livros de história da arte empilhados sobre a cômoda. Red quis poder checar se fechara a gaveta das cuecas direito.

“O que estava esperando? Pinturas a dedo nas paredes?”

“Essa é sua especialidade? Pinturas a dedo?” Chloe olhou para as mãos de Red. As palmas dele formigaram com a falsa lembrança do toque dela.

Red fechou as mãos em punho e balançou a cabeça. “Arte figurativa. Com tinta acrílica. Eu... esquece. Vou ter

*image  
not  
available*

não o rosto dela. Não ajudou. Red quase conseguira esquecer que a queria, mas a emoção pura que havia acabado de presenciar trouxe o desejo de volta. Ele sabia que devia dizer alguma coisa, mas seu cérebro disperso não conseguia pensar em nada.

Ah, sim. Ela havia elogiado seu trabalho. Então aquele era o momento em que ele deveria dizer...

“Obrigado.” Red tentou não fazer careta ao som da própria voz. Baixa demais, rouca demais, afetada de maneira óbvia demais.

Chloe apertou os lábios e baixou os olhos para os próprios joelhos, os cílios escuros batendo rápido por trás dos óculos. Ela não tinha sido amaldiçoada com uma pele translúcida como a dele, mas Red poderia jurar que estava corada. Talvez porque ele ficara descaradamente agradecido com o mais leve elogio.

Sentindo necessidade de se explicar, ele disse: “Faz um tempo que não mostro meus novos trabalhos a ninguém”.

“Eu sei”, ela disse, então levantou o rosto com os olhos arregalados e tapou a boca com a mão.

Ele arqueou uma sobrancelha e sorriu diante da cara de *ah, merda* dela. “É mesmo?”

“Pelo amor de Deus”, Chloe resmungou.

“Oi?”

“Esquece o que eu falei.”

“Não, obrigado.” Ele se inclinou para a frente.

“Explique-se, por favor.”

*image  
not  
available*



Red sorriu, involuntariamente. “Então deu um nome a ele?”

“Mas é claro.”

“Já o levou ao veterinário?”

“Estava indisposta.”

Para entender o vocabulário dela, ele ia ter que comprar a porra de um dicionário. Mas era capaz de ler nas entrelinhas. “Tá. Então o nome dele é Smudge. Ele foi...?” Red deixou a frase morrer no ar, por educação.

Chloe ergueu as sobrancelhas em interrogação, uma ligeiramente mais alta que a outra. Aquele arco delicado e desigual ressoou dentro de Red. Ela era mesmo linda.

E ele realmente se distraía fácil e se pegava encarando Chloe daquele jeito. Ele pigarreou, olhou para ela de modo significativo e disse: “Smudge. Eles já... Você sabe.”

A julgar pela testa franzida dela, em confusão, Chloe não sabia.

*Deus me dê a porra da força.* De jeito nenhum ia dizer aquilo na cara de uma mulher como ela. Chloe ia acabar entendendo.

Só que ela não entendeu. Red ergueu as sobrancelhas. Inclinou a cabeça, estalou a língua e baixou os olhos. Nada funcionava. A expressão dela permaneceu inalterada. No fim, ele desistiu de ser sutil e soltou: “Alguém já capou o bicho?”.

Ela piscou, não parecendo nem um pouco ofendida com a escolha de palavras dele — enquanto Red, por algum motivo, sentia um calor subindo pelo pescoço. Aquilo era